



## Mitos e Representações Midiáticas: Processos de Estruturação Psicossemiótica das Notícias e Imaginários Urbanos<sup>1</sup>

Thales Henrique Nunes PIMENTA<sup>2</sup>

Vania Oliveira FORTUNA<sup>3</sup>

Universidade Veiga de Almeida, Cabo Frio, RJ

**Resumo:** Como as representações midiáticas nos apresentam seguranças e ameaças que recriam, dicotomizam ou multiplicam as nossas cidades? Qual é a natureza subjetiva das narrativas jornalísticas que dialogam com os nossos imaginários sociais? Por intermédio da presente revisão metodológica e bibliográfica, propomos percursos teóricos possíveis para o estudo conjuncional das representações midiáticas – que parecem ser estruturadas e interligadas por meio de seus processos psicossemióticos e interdiscursivos, constituir mitos, corresponder a imaginários coletivos e, por consequência, orientar os olhares que os homens modernos lançam aos seus espaços urbanos.

**Palavras-chave:** imaginários urbanos; mitos; representações midiáticas.

**Résumé:** Comment les représentations médiatiques nous présentent sécurités et dangers que recréent, dichotomisent ou multiplient nos villes? Quelle est la nature subjective des narrations journalistiques que dialoguent avec les imaginaires collectifs? Par l'entremise de cette révision bibliographique et méthodologique, seront montrés les trajets possibles pour l'étude conjoncturel des représentations médiatiques – qui semblent être structurées et interassociées à travers des processus psychosémiotiques et interdiscursifs, constituer des mythes, correspondre à des imaginaires sociaux et, par conséquent, orienter certains regards que les hommes modernes lancent à ses espaces urbains.

**Mots-clés:** imaginaires urbains; mythes; représentations médiatiques.

### Introdução

No entorno de uma grande empresa romena, jovens pedestres lançam olhares aos vidros de suas janelas e à sua estrutura arquitetônica. Muitas pessoas não sabem que ela foi um ambiente de torturas e temores para mais de duas mil pessoas entre 1949 e 1952, durante um dos regimes mais severos da Cortina de Ferro. No lado ocidental do falado e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT de **Estudos Interdisciplinares da Comunicação** da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação: evento do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Veiga de Almeida (UVA) de Cabo Frio (RJ), monitor da cátedra de Estudos em Comunicação e estagiário da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia da Prefeitura da Cidade de Cabo Frio. Correio eletrônico: [thales@live.it](mailto:thales@live.it)

<sup>3</sup> Docente do curso de Comunicação Social da Universidade Veiga de Almeida (UVA), mestra em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisadora de Representações Midiáticas, Comunicação Urbana e Megaeventos e orientadora do presente estudo científico. Correio eletrônico: [vaniafortuna@gmail.com](mailto:vaniafortuna@gmail.com)



estudado Muro de Berlim se localiza uma imponente loja de departamentos chamada de KaDeWe, que foi – ao longo de muitos anos – um templo de consumo inacessível a toda pessoa que residisse no lado socialista da antiga Alemanha e, nestes tempos, recepciona consumidores de quaisquer localidades berlinenses.

Nas cidades de nossa modernidade líquida, vive-se uma comunicação urbana das mais diversas cores, intensidades e efervescências. Temos uma realidade social objetiva que, por meio de memórias, percepções e discursos, mostra-nos um espaço urbano cujas ruas, prédios, avenidas e monumentos podem ser tanto partes de nossas histórias quanto elementos de um passado que não conhecemos – e nos apresenta pistas que às vezes não sabemos decifrar. Portanto, constituem-se atores sociais os indivíduos que experienciam uma realidade social de cujas construções subjetivas eles se inteiram – sem conhecê-las, analisá-las ou revivê-las em sua plenitude.

Nós já não recorremos à execução de danças ritualísticas, batuques hipnóticos ou evocações de espíritos quando queremos transformar nossos anseios em conquistas. Nós somos modernos. Não nos apegamos a recortes de jornais, livros antigos e narrações dos nossos passados em demasia – já que hoje nossos oráculos são elementos tecnológicos e antropotécnicos. Vangloriamo-nos de nossa vida prática e, embora possamos sustentá-la sem um frequente regresso a tudo que esquecemos em nosso passado, pagamos um caro preço que nos é cobrado por nossas infrequentes retrospectões e introspecções. Homens modernos às vezes não conseguem perceber que, além de suas mútuas racionalizações e objetividades, continuam à mercê de forças simbólicas que fogem de seu controle (Jung, 2008, p. 103). Nossas cidades são palcos de tiroteios, combates e seus posteriores finais felizes que midiaticamente nos interpelam por meio de memórias e mitos – que tendem, em diversos momentos, a corresponder às nossas qualidades idiossincrásicas, conquanto a sua presença não nos seja correntemente explícita, isto é, uma realidade objetiva.

Ainda que nas sociedades ocidentais não mais sejamos impressionados, coagidos ou aterrorizados sem restrições por mitos escatológicos ou cosmogônicos que nos falem, por exemplo, de fantásticas origens do mundo, trágicos fins da humanidade, criaturas de um inferno de que ninguém retornou para nos narrar e possessões demoníacas, vivemos a heroicidade, a vilania e o martírio de muitos personagens midiáticos.

Sujeitos e anti-sujeitos se contrapõem nas variadas relações binárias ou triádicas que o jornalismo reconstrói, em suas breves ou livrescas narrações, enquanto os heróis e



vilões – que são elementos constitutivos de diversos mitos – são moldados, influenciam a opinião pública e acaloram – ou abrandam – as percepções de indivíduos cidadãos nos seus espaços urbanos. Tanto emoções e mitos quanto representações midiáticas vivem o bem e o mal. Se os consumimos em nossa vida urbana a partir de mídias e eles orientam nossas práticas sociais, as cidades em que vivemos também são praticadas e, portanto, somos impelidos tanto a definir quanto a particularizar a nossa comunicação urbana.

Quando falamos de mitos, portanto, não pretendemos prefaciá-los com lendas, diferenças mitológicas ou alegorias gregas, romanas e nórdicas – ainda que nos afirmem Moyers e Campbell (1988, p. 31-50) que os mitos podem transcender tempos, espaços e estilos narrativos e conviver com a racionalidade humana, ademais de serem tenuemente assimilados e reproduzidos. Basta-nos aperceber, por exemplo, que os horrores vencidos e transformados em alegrias coletivas correspondem aos sentidos primordiais dos mitos, que também nos remetem a nossos imaginários sociais (Durand, 2002, p. 374), para que reconheçamos a sua influência nas aglomerações humanas de todos os tempos.

Por que as nossas representações coletivas se entreligam ou inclusive já possuem vinculações que, quando são comparadas aos interdiscursos de outras culturas, parecem-nos – ou são cientificamente consideradas – idiossincrásicas? Por que algumas histórias, narrativas sociais e representações midiáticas nos despertam sentimentos que, em outros povos, elas não costumam evocar? Como os nossos veículos comunicacionais podem se posicionar diante das atividades de nossa comunicação urbana, por meio de discursos ou interdiscursos, e modificá-la – segundo os mitos intrínsecos à sociedade brasileira?

Neste estudo científico, propõe-se uma revisão bibliográfica e metodológica que se destina a indicar e analisar a quantidade de publicações teóricas que no Brasil tenham sido elaboradas em favor da junção de diversas análises de conteúdo dos nossos espaços midiáticos ao estudo dos mitos. Durante nossas pesquisas iniciais, pôde-se perceber que, no meio acadêmico brasileiro, muitos semióticos, comunicólogos e pesquisadores têm usualmente empregado saberes semióticos em exames de notícias, reportagens e demais textos noticiosos sem que fossem pormenorizados seus atributos psicomíticos.

Na segunda parte desta pesquisa, após verificarmos as publicações de que acima falamos e seus correspondentes enfoques analíticos, os mitos terão definidas suas muitas estruturas e construções narrativas – por intermédio dos conceitos multidisciplinares que nos parecem se apresentar para racionalizá-las – e serão compreendidas algumas de suas



implicações em discursos jornalísticos de nosso período ditatorial por meio da semiótica textual e das teorias psicossociológicas a que ela se assemelha. Os exemplos de notícias que apenas ilustrarão as possibilidades teóricas apresentadas nesta pesquisa são alguns recortes da revista “Lei e Polícia”, que já foi anteriormente estudada e, todavia, somente teve seus atributos ideológicos, iconográficos, conteudísticos e políticos explorados. Por intermédio de uma sintética reavaliação teórica dos discursos jornalísticos supracitados, intentaremos demonstrar que, em conjunto, as notícias podem nos apresentar uma trama subentendida que recria as nossas cidades.

No campo dos estudos semióticos, Santaella (2003, p. 232) assevera que a teoria psicanalítica, por exemplo, hoje é um valioso contributo aos estudos da linguagem, pois percorre os caminhos inconscientes dos discursos, isto é, busca compreender tudo que a semiótica dos elementos narrativos não consegue alocar em sua moldura de definições e racionalizações. Então, aqui nos parece bastante justificável uma análise da constituição psicomítica das representações midiáticas. Durand (2002, p. 39) pondera que os signos e suas interpretações, em discursos ou imagens, não valem apenas pelas raízes lógicas que escondem, mas pelas flores poéticas e míticas que nos revelam. Se já existe um caminho psicomítico nas diversas ciências da linguagem, não identificamos razões por que não se poderia estendê-lo ao exame de textos jornalísticos. Esperamos que a presente pesquisa, portanto, possa ser mais um incentivo à vinculação das semióticas discursivas às teorias psicossociológicas em futuros percursos teóricos de nossa área comunicacional.

### **Revisitações aos estudos brasileiros da miticidade jornalística**

A revisão metodológica e bibliográfica das publicações brasileiras respeitantes à miticidade do jornalismo impresso – que consideramos ser constituída por muitas armas psicossemióticas – que aqui se propõe terá as qualidades catalográfica e qualitativa, mas também nos ajudará a referir percursos teóricos possíveis por intermédio das análises de algumas representações midiáticas da extinta revista anticomunista “Lei e Polícia”.

Uma das primeiras publicações que pudemos encontrar durante nossas pesquisas iniciais é uma dissertação de mestrado produzida por Soraya Pereira na Universidade de Brasília. Ela prefacia seu estudo científico a partir de um breviário das qualidades que a comunicação de massa possui e explora para envolver o seu público em suas narrativas,



embora somente pormenorize o jornalismo televisivo, e estuda os seus atributos míticos, contudísticos e interdiscursivos. Soraya Pereira (2008, p. 11) explica que nós vivemos, desenvolvemos e prosseguimos mitos, ainda que eles de fato não nos sejam evidentes, e os defendemos a partir de incursões nossas num meio social. Também atesta Pereira, em uma frase tanto metafórica quanto assertória, que as notícias podem ser “dinamites” que explodem e nos colocam em situações catastróficas de informações dispersas que depois se reagrupam e compõem novos signos – que seriam, portanto, o resultado organizado e objetivo de um caos informacional, ou seja, um revolteio subjetivo dos interdiscursos e das figurativizações implicitamente míticas que elas nos oferecem (*Ibid.*, 26-27).

Soraya Pereira estuda a miticidade – e a produção – das deslugaridades, vitórias, atemporalidades, inseguranças, exaltações coletivas, vilanagens, gladiaturas, heroísmos, melancolias, aventuras, mortalidades, martirizações, derrotas e maldades – que são bens e eixos dos mitos de todos os tempos. Conclui-se na dissertação de mestrado de Pereira, em diversos momentos, que a televisão e seus discursos jornalísticos nos podem remeter a mitos tanto gerais quanto próprios de nossa cultura (*Ibid.*, 108-114) sem que, contudo, pareçam-nos eles culturalmente evidentes – porque integram o inconsciente coletivo, os imaginários sociais e os aposentos menos iluminados das memórias coletivas.

A segunda publicação teórica a que acedemos foi escrita por Luiz Motta, no ano de 2002, à Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Por meio de fundamentações antropológicas, sociológicas e linguísticas, Motta (2002, p. 11) assevera que a produção de sentidos efetivada pelos receptores de um discurso jornalístico também é permeada e, em muitos momentos, tacitamente direcionada pelas ambiguidades culturais que nos são próprias e constam dos nossos imaginários coletivos.

A metodologia que Luiz Motta sistematiza e nos propõe para analisarmos textos jornalísticos “inclui uma identificação preliminar da estratégia organizativa do texto das notícias” (*Ibid.*, p. 13), uma avaliação ulterior dos jogos discursivos que se desenvolvem entre as objetivizações e as subjetivizações dos textos e de sua gramática narrativa e por fim uma interpretação simbólica de temas, *id est*, uma análise tematólogica das recorrências arquetípicas e mitológicas que um discurso pode apresentar por meio de padrões morais, ideológicos e estéticos (*Ibid.*, p. 13-14). O presente artigo científico, portanto, já começa a ser orientado, de ora em diante, pela metodologia de análise dos mitos – expressos nos textos noticiosos – que se fundamenta por meio das articulações teóricas de Motta, visto que nosso propósito é o incentivo a uma re teorização das representações midiáticas, que



são representações sociais vetorizadas por diversos processos psicosemióticos de meios comunicacionais e podem densamente corresponder aos mitos de nossa cultura.

Em sua resenha teórica do livro de Luiz Gonzaga Motta titulado de “Notícias do fantástico”, Landsmann (2008, p. 137) percorre os trajetos teóricos do livro que sintetiza e o reinterpreta para falar dos fatos insólitos midiáticos que ele examina. Motta (2006, p. 10 *apud* Landsmann, 2008, p. 138) assevera que “o fantástico [...] leva os enunciados noticiosos para os limites do jornalismo”, pois ele parece ceder e abandonar fragmentos muitos de sua racionalidade para se submeter às forças mágicas das fábulas e dos mitos, que tanto o impregnam de absurdos e mistérios quanto lhe acrescem um cariz irônico ou inclusive contextualizante – que é empregado no dilucidamento das condições históricas em que as narrações fantásticas noticiadas foram invencionadas e difundidas.

No livro que acima citamos, Motta infere que fatos insólitos são apresentados ao público das mídias por meio de notícias cujo valor tende a explorar seus níveis todos de inusitabilidade, ludismo, grotesquidade, extravagância ou irrealidade, isto é, os mitos e a sua empregabilidade em discursos jornalísticos que Motta e Landsmann analisam não se valem de suas estruturas míticas para abominar, aterrorizar ou desestabilizar coletividades e grupos sociais porque apenas se propõem a fugir de tudo que nos seja cotidiano. Sem citarmos os conceitos acima referidos, todavia, acreditamos que não seriam esclarecidas em suficiência as possibilidades – num grau macroteórico – dos mitos no jornalismo.

Noutro volume da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Luiz Motta e os autores Gustavo Costa e Jorge Augusto Lima exploram a construção dos sentidos das notícias e suas possíveis teorizações por meio de conceitos narratológicos e pragmáticos que se dispartem em etapas analíticas. Motta, Costa e Lima (2004, p. 31) propõem o uso de procedimentos da narratologia literária para remontar seguimentos de notícias quanto a um mesmo assunto publicadas ao longo de dias, semanas ou meses que se sigam. Num proveitoso incentivo a estudos mais conjunturais das notícias, os autores supracitados se valem da sua proposta inicial de cronologização das notícias para sugerir, em momentos posteriores, a utilização de patamares analíticos que lhes/nos permitam reagregar os fios de uma trama subentendida por conteúdos que antes estavam fragmentados em notícias, reportagens e outras narrativas noticiosas desligadas e dispersas (*Ibid.*, p. 36-42).

Depois de analisarem as etapas construtivas e interassociativas das notícias, tem-se no artigo científico de Motta, Lima e Costa a proposição de mais um caminho teórico



possível – que seria pensado às duas primeiras etapas acima descritas. Após as análises narratológicas dos discursos jornalísticos, pode-se realizar um “movimento imersivo” na materialidade das notícias por intermédio da pesquisa de suas interpretações simbólicas possíveis, visto que a serialização de notícias e reportagens já em um plano de hipóteses nos remete à subjetividade e à ficcionalidade – que se somam às ressonâncias narrativas resultadas de reatualizações míticas imprevisíveis (*Ibid.*, p. 45). As etapas de imersão da subjetividade, dos mitos e das ficcionalidades em estudos conjuncionais dos enunciados noticiosos podem ser inicialmente usadas em avaliações puramente teóricas de discursos jornalísticos, mas aqui se pode inferir que, por meio da recolha científica de relatos orais ou de grupos focais, pode-se haver uma boa compreensão dos resultados da apropriação de representações midiáticas – que sejam psicomíticas – realizada por leitores de mídias impressas ou por receptores de quaisquer outros veículos comunicacionais em diferentes estágios de sua comunicação urbana.

Agora se pode deduzir, portanto, que os mitos próprios de muitas representações midiáticas se constituem por meio de jogos discursivos e interdiscursivos, em instâncias semiológicas e psicomíticas, para dialogar com áreas míticas dos tecidos sociais de uma coletividade – que são definidos tanto por imaginários coletivos e representações sociais quanto por inconscientes coletivos e memórias sociais. Quando os leitores se apropriam de representações midiáticas que são perpassadas por mitos nos seus atributos objetivos e subjetivos, suas múltiplas interpretações podem ser compreendidas por meio de relatos orais e discussões grupais que tenham seus transcurso mediados por pesquisadores cuja meta investigativa de notícias – no nível conjuntural de que acima tratamos – esteja a se concretizar em programas de pós-graduação ou livros teóricos. Não consideramos que a conjunção científica que aqui ponderamos possa ser aplicada, por exemplo, em artigos e demais textos científicos que disponham de poucas páginas. Um estudo conjuncional de recortes de notícias haveria de ser fracionado em quatro ou mais artigos científicos para que, por conseguinte, não fosse demasiadamente superficializado.

Em outra publicação teórica respeitante aos conceitos da análise antropológica de notícias, Motta nos complementa tudo que já pesquisamos ao afirmar que informes e demais gêneros informacionais são formas de conhecimento que “tangem” a experiência empírica e também a determinam, ainda que sugiram mundos virtuais aos seus leitores e leitoras. As notícias são sistemas simbólicos – que por ora não comportam o significado bourdiano que costumam possuir – situados entre as “forças atratoras” da história e suas





serializações, que tendem a apresentar ritmos ficcionais. Demonstra-nos Motta (2002, p. 321) que a instância psicomítica do pensamento humano é tão natural quanto os quadros pragmáticos da comunicação social.

Já se pode julgar concluída, neste íterim, a revisão bibliográfica e metodológica dos estudos que o Brasil produziu em torno dos mitos e das suas influentes presenças no jornalismo impresso. Outras produções científicas referentes à miticidade do jornalismo que não listamos no presente estudo teórico analisavam mitos que fazem apresentadores e demais jornalistas se tornarem estrelas, reforçam a ilusão da objetividade jornalística e de suas “espelhações”, determinam as origens do periodismo e reconstroem a identidade jornalística. Portanto, não se pôde considerá-los essenciais ao tema que aqui exploramos e à proposta metodológica que pretendemos delinear porque falamos de sistematizações teóricas dos processos de estruturação psicossemiótica das notícias e das suas envolturas nos substratos míticos das realidades objetivas de nossa urbanidade.

### **Representações midiáticas, mitos e imaginários coletivos**

Mesmo que a maioria dos conceitos supraexpostos haja evidenciado as possíveis correlações das representações midiáticas e dos mitos, uma definição mais específica de um ou mais significados que os mitos possam albergar ainda nos parece necessária, pois as matrizes narrativas, subtextuais, intertextuais, arquetípicas ou míticas das notícias são questões rizomáticas e, destarte, podem-nos fazer reincidir em errâncias e tautologias de que podem sofrer quaisquer panoramas teóricos.

Angela Arruda (*op. cit.*, p. 141-142) diz que toda representação social provém de atividades intrapessoais e intragrupoais da humanidade e se referem a um objeto, que não se limita a ser uma pessoa, um grupo ou uma sociedade humana. Ele também pode ser o nosso corpo, a velocidade e a “fúria” dos carros, os belvederes das grandes metrópoles e suas movimentações psicossociais, isto é, sua comunicação urbana<sup>4</sup>. Toda representação social acresce um sentido líquido e por vezes historicamente desancorado ao sentimento e aos indivíduos ou aparatos que o motivam a emergir dos nossos tecidos sociais. Quem

---

<sup>4</sup> Pondera-nos Ligia Claudia de Souza (2005, p. 8-9) que, no plano das representações coletivas, os sujeitos podem ser indiferenciados ou indefinidos e os objetos tanto podem quanto não podem ser societários. Bernard (1946, p. 11 *apud* Souza, 2005, p. 8) conclui que as representações sociais estão relacionadas à ascendência de ambientes societários ou de objetos sobre as condutas individuais e coletivas – ou sobre a reação de condutas individuais, em situações sociais, a toda a classe de estímulos sociais. Portanto, a comunicação urbana de uma cidade pode ser movimentada ou afetada pelas representações coletivas que os veículos comunicacionais vetorizam por intermédio de seus discursos.





estruturaliza as representações coletivas é o sujeito que está incorrido ou se intersere nas conjunturas específicas e determinantes de seu tempo ou seu espaço. Por meio de alguns conceitos moscovicianos e jodeletianos, assevera-nos Arruda que as qualidades culturais de sentidos amplos e restritos, a comunicação social, a ideologia, as instituições sociais, os panoramas socioeconômicos, a educação e as linguagens de quaisquer sociedades são as condições que determinam a construtura das representações coletivas.

Numa mídia impressa, por exemplo, as representações sociais são traduzidas em textos por meio de seqüências de signos que reproduzem os seus sentidos, ou seja, não é mais acertado o pensamento teórico que simplesmente classifica os textos, em quaisquer plataformas discursivas, como uma disposição de signos que gera significados, pois eles são elementos textuários que intermediam nosso acesso a representações sociais. Entre a Psicologia Social e as semióticas discursivas existem as articulações teóricas de Lozano, Peña e Abril (1986, p. 16 *apud* Traverso-Yépez, 1999, p. 41) que se centram em estudos dos signos e os julgam elementos que nos simbolizam representações sociais, fazem-nos modificá-las a partir de nossas pessoais ou coletivas interpretações e, por consequência, levam-nos a expedi-las às nossas instâncias societárias.

Mesmo que o mundo dos textos sempre seja “ilusório”, o mundo de seus leitores é real e pode se remoldar em tempos e intensidades imprevisíveis segundo a implicação das notícias em seu plano subjetivo mais poético e mítico, que chamamos de imaginário social (Barbosa, 2007, p. 19). Aqui se pode dizer, portanto, que há uma correspondência das representações midiáticas ao mítico substrato de nossa realidade social. Mas o que é um mito? Como ele funciona e quais são os graus de sua operação simbólica?

Os mitos são expressões vivíveis de realidades sociais inobserváveis. Então, toda história de que nos informamos a partir de leituras bíblicas, *verbi gratia*, será um mito à sociedade hodierna – mesmo que muitos arqueólogos, historiadores e antropólogos hoje nos falem que os escritos bíblicos narram autênticos acontecimentos históricos – porque os mitos são fatos que nunca experienciamos e, entretanto, classificamos como verdades (Bultmann, 2003, p. 65-70). Então, aqui não nos proporíamos a “reputar” verdadeiras ou falsas as narrações bíblicas. Deve-se aperceber que a impossível revivência dos fatos de uma narrativa é um dos fatores que concorrem para a definição de todos os mitos.

Mircea Eliade (1989, p. 12-13) nos sustenta que o mito, em diversas sociedades, é a “realidade complexa que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas



e complementares, [...] conta [...] uma realidade que passou a existir” e é uma narração de algo que acontece, é criado ou define a ocorrência dos fenômenos sociais que podem predeterminar a compreensão coletiva de subseqüentes realidades objetivas.

Quando os mitos se assinalam uma realidade complexa que reinterpretemos por meio de diversificadas, complementárias ou dissonantes representações coletivas, não se quer dizer, portanto, que eles simplesmente se adequam a opiniões e julgamentos. Deve-se perceber que eles conseguem nos comunicar fatos de um hipotético passado por meio de sua correspondência a lógicas universais que já estão radicadas em vários quadros do pensamento humano. Eles podem determinar o presente se nos explicarem as rotas que a humanidade percorreu para ser tudo que atualmente vivenciamos.

Os mitos são relatos simbólicos que os indivíduos partilham dentro de um grupo social ou uma coletividade humana – que os usa para narrar, explicar ou alterar a origem de fenômenos e instituições sociais, por exemplo – e nos servem de representação social dos fatos e/ou personagens históricos cuja importância pode ser amplificada por meio de imaginários coletivos<sup>5</sup>. Mitos mediatizados, em verdade, têm uma constituição alodóxica porque não expressam seus conteúdos por vias sógnicas diretas. A partir de seus arranjos emocionais, que passam por enunciados noticiosos de carizes aparentemente lógicos, os mitos fazem qualquer leitor seu produzir sentidos carregados de uma força psíquica que, em muitas condições históricas, pode ser convertida em intensas reações coletivas.

Uma representação social é um gênero de conhecimento socialmente estruturado e compartilhado que adquire uma “tonalidade” pragmática e concorre para estruturações de realidades comuns a uma aglomeração social em seus diversos espaços e tempos. Em uma de suas delimitações teóricas das representações coletivas, Moscovici (2007, p. 57-59) afirma que elas costumam usualizar algo que não nos é familiar e, portanto, são uma alternativa de classificação, categorização e nomeação de novos acontecimentos, ideias, práxis ou crenças que anteriormente não conhecíamos. Se classificarmos os mitos como

---

<sup>5</sup> Já que representações coletivas nos são expressas por normas, instituições sociais, discursos, imagens e ritos, podem elas engendrar uma realidade paralela à existência dos indivíduos e fazê-los viver tanto em sua função quanto em seu interior (Pesavento, 2003, p. 39). Portanto, as representações sociais construídas sobre o mundo não apenas se aloca no lugar deste mundo, pois também fazem os indivíduos reverem sua realidade objetiva e pautarem sua existência. Os conceitos que hoje atribuímos a imaginários coletivos às vezes se complementam ou se contradizem. Então, julgamos um sistema simbólico que possui uma coerência e uma articulação de representações coletivas que nos constroem um mundo de signos que sempre está paralelo à nossa realidade objetiva (*Ibid.*, p. 43). Imaginários coletivos possuem suas definições históricas, ou seja, em cada época das sociedades nossas os indivíduos criaram representações sociais para acrescer um significado a tudo que de fato nos seria real. Os imaginários sociais comportam crenças, ideologias, conceitos, valores e mitos, ademais de resultarem em identidades, exclusões ou hierarquias sociais, dividirem sujeitos e lhes indicarem suas semelhanças e diferenças societárias (*Ibid.*, p. 43-44). O estudo das representações coletivas nos mostra, destarte, que não se deve falar de um mundo pragmático, mas um mundo inventado (Burke, 2005, p. 101).



representações coletivas de um fenômeno social que validamos por meio de imaginários coletivos e falamos que eles podem, portanto, estar incursos em representações sociais, todos os mitos narráveis podem ser representações coletivas. No entanto, representações sociais não podem sempre ser consideradas mitos.

Se as narrações míticas são as expressões vivíveis de realidades inobserváveis e, por consequência, devem ser consideradas representações sociais, muitas representações coletivas somente podem ser mitos se nos comunicarem acontecimentos que nós jamais poderemos reviver – em face de sua preteridade. Múltiplas representações coletivas não são mitos porque podemos ler um enunciado noticioso que nos descreva algo que nós já vivenciamos, mas se tornam mitos se formulam determinantes simbólicas que *a fortiori* consideramos as causas dos fenômenos sociais que experienciamos. Portanto, narrações de experiências tanto nossas quanto alheias podem ser mitos, mas acreditamos que mais teorizações poderão futuramente classificar, categorizar e nominar as suas implicações e funções diversificadas no plano das representações midiáticas.

Por meio de tudo que se analisou até o presente momento, pode-se inferir que as representações midiáticas são estruturalizadas por meio dos processos psicosemióticos, interdiscursivos e narrativos supracitados<sup>6</sup> e podem se constituir mitos, corresponder aos planos míticos dos nossos imaginários coletivos e, por consequência, orientar os olhares que lançamos, por exemplo, aos nossos espaços urbanos.

Pesavento (2002, p. 390-392) sustenta que notícias, narrativas históricas e outros registros discursivos são representações coletivas que podem recriar as cidades, em suas instâncias simbólicas mais lógicas ou irracionais. Então, conclui Christina Musse (2008, p. 217-219) que, além de representarem espaços públicos, os discursos jornalísticos têm uma ascendência tão pluricentralizada sobre as cidades que podem “multiplicá-las”, isto é, podem lhes criar variados imaginários urbanos. Eles podem ser antagônicos, paralelos ou acordantes. Antes de serem psicossociais, as ambitudes urbanas são lugares que estão situados acima do bem e do mal (Pesavento, 2002, p. 230), ou seja, grandes ou pequenas cidades sempre corresponderão a conceitos primordiais da lugaridade, mas elas também

---

<sup>6</sup> Insistimos em denominar de processos psicosemióticos as estruturações e interpretações dos enunciados noticiosos porque eles podem ser intersubjetivamente compostos, remeter-nos por meio de seus sequenciamentos sógnicos a uma variável quantidade de representações sociais e nos dirigir a uma produção de sentidos cujas cargas psíquicas possam nos levar à expedição de nossas reinterpretações das representações midiáticas aos imaginários urbanos. Portanto, nós aqui usamos o conceito psicosemiótico de Darrault-Harris e Grubits (2000, p. 30), que classificam a Psicosemiótica como uma extensão das semióticas diversas aos comportamentos reais – que seriam analisados a partir de uma coesão dos estudos semióticos às teorias psicológicas. No entanto, deve-se perceber que a Psicosemiótica não é apenas uma fusão teórica. Ela apresenta saberes que nos permitem uma compreensão de significados e ações – ou atos discursivos e atos somáticos, por exemplo – que conjuntamente produzem um único percurso significacional (*Ibid.*, p. 30-31).



são personificações e desafios da modernidade que nos atraem, seduzem, impressionam ou aterrorizam. Então, as cidades também precisam ser analisadas a partir de impressões espontâneas ou induzidas que costumam despertar em seus residentes.

Até a metade do ditatorialismo brasileiro, os mitos anticomunistas classificavam os resistentes antiditatoriais como um conjunto de estupradores (Motta, *op. cit.*, p. 102), anticristãos, sujeitos amorais, homicidas histéricos e satanistas – mas depois se começou a lhes atribuir títulos mais voltados ao antinacionalismo, às desapropriações violentas de domicílios e à bolchevização do Brasil. Em uma das notícias de “Lei e Polícia”, homens comunistas invadem uma residência e se dirigem a membros de uma mesma família que estão dormindo para apunhalá-los. Além de estarem atordoadas pelo sono, as vítimas do grupo de comunistas supracitado ainda estão deitadas em suas camas e tentam se erguer para fugir (*Ibid.*, p. 102-103). Em verdade, os ataques comunistas perpetrados durante o sono dos “justos” foram eixos essenciais das narrativas anticomunistas – desde a metade da ditadura brasileira até o seu declive.

Plínio Salgado (1935, p. 19-20 *apud* Motta, 2002, p. 12), por exemplo, dizia-nos que os brasileiros modestos, batalhadores e sofridos, ao olharem suas filhas e seus filhos a dormir, deveriam temer e se inquietar por um destino incerto que os aguardava, já que os seus domicílios – que eram produtos de seus trabalhos árduos e honrados – poderiam ser devastados por uma ordem moral que não lhes pertencia. Aqui se deve assinalar que, em diversas narrações anticomunistas, mulheres e crianças eram situadas à frente de um chefe de família quando eram midiaticamente representados os dramas que elas viveram em razão das múltiplas vilanias comunistas. Elas tinham sua fragilidade semanticamente comparada à brutalidade dos comunistas. Se as nossas identificações das qualidades dos sujeitos de uma narração não se atentam apenas a personagens, mas à relação de sujeitos que são conjuntos de qualidades e atributos, as suas tramas relativas resultam num novo objeto – que seria, destarte, o terceiro vértice do trilátero mítico dos múltiplos discursos que são compostos por sujeitos, anti-sujeitos e suas relações (Durand, 2010, p. 81).

Nossa argumentação anticomunista era retirada de obras europeias traduzidas ou reinterpretadas por entidades governamentais. Quando os EUA se tornaram uma grande fortaleza anticomunista, o ditatorialismo brasileiro começou a inspirar os seus discursos em escritos de reacionaristas ianques. O anticomunismo estadunidense era reforçado por uma tríade ideológica cujas bases eram a religião, a liberdade individual e a propriedade privada. Quando se sustentava nas mídias anticomunistas que os ataques comunistas aos



domicílios de indivíduos honestos significavam a perda de toda a sua individualidade ao império dos desordeiros bolchevistas que depois nos roubariam a nação, estava-se a usar um discurso que fazia a sua audiência gerar, por intermédio de sua incursão abstrata nos mundos midiáticos, sentidos egoicamente classificados como ameaças. No momento em que os leitores de uma mídia impressa, por exemplo, simbolicamente se inscrevem num mundo discursivo que lhes parece estável e é subsecutivamente desestabilizado por anti-sujeitos que lhe são exteriores, as ameaças que eles sentem são decorrências dos olhares que eles lançam ao seu interior para depois analisar a sua realidade objetiva e considerar preciso o manutenção de seu equilíbrio. Então, muitas ameaças derivadas de informes e outros textos noticiosos, antes de parecerem perigos, são produtos de nosso ego.

Rodrigo Motta (2002, p. 268-281) explica que os mitos anticomunistas, por meio de suas serializações, similaridades e incursões psicossociais, foram-nos tão usualizados que se repetiram ao longo de décadas os temas que foram produzidos nos primórdios do anticomunismo no mundo. Múltiplos elementos do imaginário anticomunista construído entre 1920 e 1930 ainda eram utilizados em 1980, por exemplo. Em diversos momentos da ditadura brasileira, a violência urbana – que sempre conviveu com outros fenômenos sociais de nossas cidades – fora inteiramente associada ao comunismo. Quando a luz do sol se dissipava, as ruas das cidades do Brasil ditatorial se tornavam lugares inóspitos e, por conseguinte, os domicílios que nelas se situavam pareciam vulneráveis às “ameaças vermelhas”. Em verdade, nossas cidades sempre serão ambivalentes em função das suas seguranças e ameaças. Podemos tentar ignorá-las, mas elas jamais deixarão de reafirmar sua presença, já que Deus precisa de Satã para existir (Maffesoli, 2004, p. 118). Embora os indivíduos modernos não sejam afetados por todos os perigos urbanos, os seus medos líquidos e desancorados são uma resposta inconsciente às nossas oportunas dialetizações simbólicas do bem e do mal.

### **Considerações finais**

Por meio de nossa apropriação das representações midiáticas, nunca conhecemos as mesmas cidades – embora as mesmas notícias nos sejam mostradas. No entanto, uma correspondência de seus conteúdos subjetivos e interdiscursivos à miticidade das nossas realidades objetivas, que possui suas lógicas universais, pode fazer dos sequenciamentos de notícias um enredo oculto que realocamos ao nosso senso comum.



Ainda que pudéssemos referir mais notícias tanto do período ditatorial brasileiro quanto destes tempos que possuam construções psicosemióticas e míticas, elas somente demonstrariam que de fato dialogam com o substrato mais mítico de nossos imaginários sociais. A miticidade do discurso midiático que nos fala, por exemplo, da identidade dos brasileiros que nunca desistem de seus sonhos corresponde ao mito do eu transcendente, que Mihaly Csikszentmihalyi (1998, p. 227-228) classifica como um guia que acalma os indivíduos mais descontentes e lhes serve de mecanismo de recalçamento – ao longo de suas adaptações à realidade objetiva em que há pouco se tenham introduzido.

A orientação científica da presente revisão bibliográfica e metodológica, embora seja comunicacional, aclara-nos algumas possibilidades da análise psicológica de textos noticiosos em domínios da Sociologia e da Psicanálise Junguiana, pois narrativas sociais dos mitos podem ser próprias de uma comunidade ou uma tradição e, ademais de serem fragmentos de nossa ancestralidade e/ou reconstruções fantasmáticas de acontecimentos pretéritos, tendem a ser uma repercussão simbólica de ações e percepções inconscientes das sociedades modernas – que equivale ao influxo dos sonhos na vida das pessoas.

## Referências

- ARRUDA, Angela Maria. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 117, p. 127-147, ago./nov. 2002.
- BARBOSA, M. C. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2008.
- BERNARD, L. L. **Psicología Social**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1946.
- BULTMANN, Rudolf Karl. **Jesus Cristo e Mitologia**. São Paulo: Novo Século, 2003.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Novas atitudes mentais**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.
- DARRAULT-HARRIS, Ivan; GRUBITS, S. **Psicosemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowá**. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 2000.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.



ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LANDSMANN, M. R. A paradoxal construção da realidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 137-140, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/>>. Acesso em: 2 de jul. 2011.

LOZANO, Jorge; PEÑA-MARIN, Cristina; ABRIL, Gonzalo. **Análisis del discurso: hacia una semiótica de la interacción textual**. Madrid: Cátedra, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 3, n. 19, p. 276-326, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/>>. Acesso em: 26 de jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **Notícias do fantástico**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

\_\_\_\_\_. Para uma antropologia da notícia. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-41, jul./dez. 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, G. H. B.; LIMA, J. A. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 31-51, jul./dez. 2004.

MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”**: o anticomunismo no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MOYERS, Bill; CAMPBELL, J. J. **The power of myth**. New York: Doubleday, 1988.

MUSSE, Christina Ferraz. Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV. **Revista do Núcleo de Pesquisa de Comunicação Audiovisual da Intercom**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 271-233, ago./dez. 2008.

PEREIRA, S. F. **Jornalismo televisivo, mito e narrativa**. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

SALGADO, Plínio. **O que é integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUZA, L. C. G. **O ensino da Psicologia Social e suas representações: o saber em formação e a formação do saber**. 2005. 164 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha. Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 39-59, jan./jun. 1999.